

MANIFESTO DOS QUELÔNIOS Ou “o devir cágado”

Leonardo de Oliveira¹

Semana passada meu amigo Fernando, educador social, me convidou para alimentar as tartarugas na Redenção. Para quem não conhece, é um tradicional parque de Porto Alegre, com lagos e área verde, e um espaço onde historicamente ocorrem encontros culturais. Compramos ração para cachorro no caminho enquanto ele me explicava que, ao contrário do que se pensa, os quelônios têm uma dieta de proteína, não de fruta ou vegetais. Sentamos na beira do lago e enquanto atirávamos a ração ele me mostrava a diversidade que habitava ali: alguns tipos de cágados, tigras d'água, cabeça de cobra, de barbicha e uma outra espécie que não identificamos. Fazíamos isso em plena Porto Alegre. Ao mesmo tempo, podíamos ouvir as buzinas dos carros, as sirenes de ambulância e da polícia, e aquele ruído de fundo constante da capital gaúcha à nossa volta. Quebrando o ruído surgiram pássaros, e o Fernando foi nomeando nossos amigos anfitriões (verdadeiros donos do espaço), cardeais, martins pescadores, entre outros, sou um profundo desconhecedor da fauna.

Meu amigo veio de São Paulo há dez anos e conta que ainda o surpreende ter esse cinturão verde com animais e árvores no meio da urbanidade porto-alegrense. Nesse dia me falou que Porto Alegre lhe lembrava a capital paulista nos anos 80, quando esta ainda não tinha sido tomada por uma infestação de edifícios de vidro espelhado, concreto e automóveis, com pouquíssimas árvores pássaros habitando esse deserto cinza. A constatação de Fernando ficou ecoando em minha mente durante a semana: o que aconteceu nesses 40 anos com São Paulo e qual a possibilidade de que a capital gaúcha acompanhe esse desaparecimento da fauna e da flora?

Infelizmente a resposta que me acompanha com as notícias dizem que o caminho muito provavelmente será o mesmo, se a política urbana seguir neste ritmo e rumo. Surgem denúncias do aparecimento neste mesmo parque de armadilhas para captura de gambás, animais inofensivos e que mantêm o equilíbrio do ecossistema, sendo predadores de escorpiões e insetos. As armadilhas aparecem, sem surpresa, no único espaço do parque concedido à iniciativa privada, um complexo gastronômico de acentuado mau gosto incrustado próximo ao lago dos meus amigos quelônios, inaugurado em 2022.

Em meio a um discurso de empreendedorismo, e de privatização de espaços públicos, num lobby descarado da especulação imobiliária e desmanche dos patrimônios coletivos da cidade, a atual lógica de neoliberalismo selvagem segue ameaçando não só a Redenção, como outros espaços de Porto Alegre. Entre eles o Parque Marinha e a Orla do Guaíba. Pode soar alarmista associar a colocação de armadilhas para capturar a fauna que “ameaça” os estoques de comida de um espaço privatizado com a esterilização de pedra da capital paulista, mas a lógica neoliberal e de especulação imobiliária ligada a grandes empreiteiras têm uma agenda que escala, e talvez nem

¹ É poeta músico psicólogo educador social mestrando no PPGPSI da UFRGS, onde pesquisa arte e população de rua. Participa de projetos de música experimental, com os quais já lançou EPs e singles e do coletivo Projeto Ocupação Cultural, que organiza e articula eventos de arte e cultura com pessoas em vulnerabilidade social. Autor do livro de poesias “O Ano do Elefante” publicado em 2022, pelo selo Artera, da Editora Appris, e está lançando seu segundo livro de poesias “Manifesto dos tardígrados”, pela editora Caravana. Tem cartografado pequenos animais e proposto infestações baseadas em amor, delírios, lutas, dissonâncias e fricções científicas.

tão lentamente, plantando desertos de viga, aço e vidro nos espaços por onde saliva desejanse de lucro.

Quarenta anos dessa sementeira que apaga os ecossistemas, a diversidade e a vida que ainda pulsa no meio dos condomínios e shoppings que nos asfixiam com suas grades e cercas elétricas, nos levam à uma nova São Paulo. Nada contra a cidade, adoro a capital paulista, mas uso o parâmetro para demonstrar que ainda podemos preservar o que temos de ecossistema.

Contudo, o que temos visto é que as ocupações coletivas dos espaços estão cada vez mais restritas e criminalizadas: o direito à moradia, ao lazer, à arte, à festa e às vidas, animal e humana, animal e humana são colocadas em segundo plano em detrimento de um lucro frio e asséptico de acionistas acumuladores de capital.

As ruas à noite são policiadas impedindo a circulação. As festas e os movimentos populares são criminalizados, principalmente se estivermos falando da população periférica e negra, que historicamente tem seu acesso a cultura e lazer negado ou dificultado. Impera a lógica do individualismo e do auto empreendedorismo e a lógica antropocêntrica, onde o lucro está acima da vida e diversidade animal.

Chegam notícias recentes de uma tragédia no estado de São Paulo, claramente envolvendo a especulação imobiliária, o crescimento urbano e o racismo ambiental. É impossível desassociar a lógica política neoliberal, da questão urbana e do meio ambiente no momento histórico que vivemos: a luta por moradia, contra a privatização dos espaços públicos e pela preservação dos ecossistemas e da diversidade cultural é inegavelmente uma só luta, e ela é uma luta improrrogável.

Estamos na encruzilhada em que São Paulo esteve há décadas, segundo o Fernando. E parafraseando o Criolo, enquanto observo os cágados, pode até não existir mais amor em SP, mas sei que em Porto Alegre ele ainda é possível.

Fotos de Luiz Eduardo Oliveira.

